

De RUBEM BRAGA

A pior coisa que se pôde dizer a meu respeito (entretanto desmentirei) é que não li Proust. Posso perfeitamente, em qualquer salão discorrer sobre Swan, descrever Combray ou Balbec, falar de Albertina ou da senhora duquesa de Guermantes - mas lêr mesmo, no duro, aqueles volumes todos, isso é duvidoso que eu tenha feito. Houve um tempo em que todos os jovens intelectuais se julgavam obrigados a escrever um ensaio sobre Proust, e nem isto eu fiz. Entretanto não existe ninguém hoje mais autorizado neste país a falar sobre Proust.

É verdade que está para chegar a qualquer momento, de regresso da França, o meu particular amigo don Carlos de Reverbel, outro proustista eminente, sem dúvida alguma o segundo proustista brasileiro. Mas acredito que don Carlos tenha a honestidade de confessar que nunca morou no quarto andar da rua Hamelin 44; eu é que morava no quarto andar. Ele teve, entretanto, a honra de subir as escadas e lá várias vezes me visitar.

Sabíamos que Proust havia morrido por ali, mas alguém nos dera o número da casa errado, e quando fomos lá esbarramos com a séde de um sindicato qualquer. Só agora, lendo um livro de Leon Pierre-Quint conheço a verdade: Proust morava no meu apartamento. Bem que me parecia suspeita aquela velha cama, bem que notei certos estremecimentos nas cortinas e pressenti, no tapete desbotado e encardido, o restro de antigos pés que o pisaram em noites de insônia, vagas nódos de remédio.

Vinte e cinco anos atrás, quando eu eu chegava vestido de marinheiro, pela primeira vez, ao Rio de Janeiro, trazido pela minha irmã para vêr a Exposição do Centenário - Proust estava morrendo naquela minha futura cama. É certo que, mais tarde do que ele, não aluguei todo o andar - e nos contentamos, eu e minha mulher, com um quarto de frente com uma pequena entrada e um exíguo banheiro. (Posso informar com a maior segurança que, pelo menos nos últimos anos de sua vida, Proust não tomou um só banho de chuveiro.) A banheira tinha velhas manchas de sujos incômodáveis, o que nos ~~convenceu~~ convenceu de que devíamos comprar um chuveirinho de borracha, que adaptamos à pia. Leon Pierre-Quint diz que Proust escolheu um quarto muito frio, temendo que a calefação central fizesse mal para a sua asma; éra evidentemente o meu, e o imagino perfeitamente como eu olhando pela vidraça a rua lá em baixo e esfregando as mãos de frio. Para ele o andar todo custava 16.000 francos; achava os móveis sombrios e dizia que aquilo parecia (a casa de um criado"; deve se consolar com a idéia de que paguei 6.000 francos só pelo quarto da frente. As vezes pela madrugada ele despachava Odilon em um taxi para procurar algum amigo que viesse conversar com ele. Imagino-o perfeitamente à espera, escutando o ruído agônico do pequeno elevador que, no quarto andar, pára perigosamente entre dois degraus de escada, a velha escada escura onde os passos ressaem absurdamente alto.

(CONT. 2 - ERAGA) -

O amigo, o encontrava na cama, com um lenço ao pescoço, vestido embaixo dos cobertores, com luvas de algodão, muitos pares de meias e o plastron branco sobre a camisa amarrada, no quarto fechado ~~mas~~ cheirando a remédios, a asma e a pneumonia, a fumigações, a Proust. Eu positivamente ainda recolhi ali um pouco desse cheiro dentro do qual foi escrito o último volume de "Sôdoma e Gomorra"; na minha ignorância de bárbaro devo ter gasto uma boa parte dele, abrindo de para em par as portas que dão para a sacada; mas acho que ainda ficou muita coisa. Proust cochilava tres dias à custa de veronal e depois ficava tres dias desperto à custa de cafeína, falando de literatura, de pintura (os jovens Girardoux, Picasso...) recitando Anatole ou Baudelaire, discutindo finanças e mundanismo, falando em mandar vir seus livros, seus moveis, suas coisas, o que nunca chegou a fazer.

Os jovens intelectuais que desejarem escrever sobre tudo isto tenham a bondade de consultarme para fazer ambiente; posso, por exemplo, descrever, lá em baixo, o cubiculo onde a velha "concierge" (positivamente a mesma da era proustiana) faz contas, telefona (Passy, Soixante-et-un deux fois, é assim que se diz Passy 61-61, é assim que se telefona para Proust) dorme e passa a roupa a ferro, e nos apresenta a conta e nos transmite recados ou confessa que se esqueceu de mandar vir nossa roupa da lavanderia.

Vinte cinco anos para um casarão de Paris não é nada; podemos dizer confusamente que ali moravam don Carlos de Reverbel, Marcel Proust e Rubem Braga - os dois últimos, note-se bem, no quarto andar...